

A Cupópia do Cafundó: uma análise morfossintática

The Cupópia of Cafundó: a morphosyntactic analysis

Anna Jon-And

Dalarna University, Falun, Suécia

ajd@du.se

Laura Álvarez López

Universidade de Estocolmo, Estocolmo, Suécia

laura.alvarez@su.se

Resumo: O presente estudo analisa a fala da comunidade rural afro-brasileira de Cafundó, situada a 150 km da cidade de São Paulo. Entre 1978 e 1988, período em que os dados aqui analisados foram coletados, a comunidade contava com cerca de 80 pessoas, descendentes de duas ex-escravas, irmãs, que herdaram as terras do seu dono. O livro publicado, em 1996, por Carlos Vogt e Peter Fry (com a colaboração de Robert Slenes) defende que a variedade denominada *Cupópia* apresenta estruturas do português regional e que parte do vocabulário é de origem Bantu. A análise morfossintática discute os casos de ausência de cópula, o uso da cópula em lugar do verbo possessivo, a ordem das palavras incomum no português, os substantivos sem determinante na posição de sujeito, o uso de artigos definidos em SNs preposicionais que correspondem a locuções adjetivas, bem como a concordância variável no SN e a concordância entre o sujeito e o verbo. Os resultados indicam que as características gramaticais da *Cupópia* não coincidem totalmente com os traços registrados no português falado pelos mesmos indivíduos, mas que são compartilhadas com variedades linguísticas mais reestruturadas do que o português falado em zonas rurais do interior do Estado de São Paulo.

Palavras-chave: Cupópia; Cafundó; português; Brasil; morfossintaxe.

Abstract: The present study analyzes the speech of the Afro-Brazilian rural community of Cafundó, located 150 km from São Paulo. Between 1978 and 1988, when the analyzed data were collected, the community had a population of 80 people, descendants of two former slaves, who were sisters and inherited the lands of their owner. In a book published in 1996, Carlos Vogt and Peter Fry (with the collaboration of Robert Slenes) argue that the variety denominated Cupópia presents structures of regional Portuguese, and that part of the vocabulary is of Bantu origin. The present paper focuses on morphosyntactic aspects and discusses copula omission, the use of copula instead of the possessive verb, unexpected word order in Portuguese, nouns without determinant in subject position, the use of definite articles in prepositional phrases functioning as adjectival locutions, as well as the variable agreement in the noun phrases and the agreement between the subject and the verb. The results indicate that the grammatical features of Cupopia do not fully coincide with those observed in the Portuguese spoken by the same individuals, but are shared with more restructured linguistic varieties than the ones spoken in rural areas of the interior of the State of São Paulo.

Keywords: Cupópia; Cafundó; portuguese; Brazil; morphosyntaxis.

Recebido em 23 de janeiro de 2017.

Aprovado em 5 de abril de 2017.

1 Introdução

Os trabalhos realizados a partir de 1978 sobre a comunidade do Cafundó (Salto de Pirapora/SP) ocupam um lugar de destaque entre os estudos acerca do papel dos falantes de línguas africanas e seus descendentes na constituição do português brasileiro. As primeiras investigações na comunidade foram motivadas pela “descoberta” de uma comunidade que falava uma suposta língua africana, chamada de Cupópia. Os estudos realizados por uma equipe de pesquisadores da Universidade Estadual de Campinas, incluindo os Professores Peter Fry, Carlos Vogt, Robert Slenes e Mauricio Gnerre, levaram à conclusão de que se tratava de uma “variedade linguística” que fazia uso de um conjunto de itens lexicais de origem africana, mas tinha o português regional como sua matriz gramatical (VOGT; FRY, 1996). O material

coletado na época, que abarca cerca de 46 horas de entrevistas com moradores do Cafundó, é hoje parte do *Projeto Cafundó*, que integra o acervo do CEDAE/Unicamp (Centro de Documentação Alexandre Eulálio).¹ ² Em 2012, a comunidade foi reconhecida pelo governo como remanescente de quilombo com direitos à (parte da) terra onde moram.³

O léxico da Cupópia inclui aproximadamente 160 palavras, a maioria de origem africana, e a variedade é utilizada em contextos comunicativos específicos. Nos trechos em que os falantes alternam entre Cupópia e Português do Cafundó,⁴ a tendência é que todos os substantivos pertençam à Cupópia, bem como a maioria dos verbos e adjetivos, enquanto os morfemas gramaticais são os do Português.

O presente artigo traz os resultados de um estudo sobre a Cupópia, baseando-se na análise de uma das entrevistas que compõem o *Projeto Cafundó*.⁵ Iremos apresentar um conjunto de fatos gramaticais que nos permitem afirmar que, na utilização da Cupópia, os habitantes do Cafundó produzem construções com propriedades que não são usuais na variedade regional do Português falado pela comunidade.⁶

¹ A entrevista foi realizada por Carlos Vogt em 13 de maio de 1978 em Salto de Pirapora, São Paulo e faz parte da *Coleção Cafundó*. Os materiais foram digitalizados em 2013 com o apoio da fundação sueca STINT (the Swedish Foundation for International Cooperation in research and Higher Education) e podem ser consultados na plataforma de arquivos sonoros do Centro de Documentação Alexandre Eulálio, da Universidade Estadual de Campinas.

² Atualmente, residem na comunidade apenas duas pessoas que dizem falar a Cupópia. Conforme Petter (1998, p. 199), só havia adultos que sabiam falar Cupópia na década de 90. Durante uma visita à comunidade em dezembro de 2014, uma das autoras teve a oportunidade de conversar com dois moradores que disseram ser os últimos falantes da ‘língua’.

³ No site da Fundação Palmares, <http://www.palmares.gov.br/?p=17733>, a comunidade do Cafundó é apresentada como uma comunidade quilombola que fala a sua própria língua, descrita como variedade de língua Bantu.

⁴ O objetivo do presente estudo é analisar a estrutura da Cupópia e compará-la com o português usado pelos mesmos falantes. As alternâncias de código, que suscitam questões interessantes, podem ser tratadas em estudos futuros.

⁵ Parte dos resultados aqui apresentados foi discutida em Álvarez López e Jon And (2017).

⁶ No conjunto total das entrevistas com os moradores do Cafundó, o uso da Cupópia é bastante limitado. A entrevista escolhida é a que apresenta a maior amostra de uso da Cupópia nesse conjunto.

O trabalho é dividido da seguinte forma: na seção 2, serão abordadas as classificações da Cupópia apresentadas em estudos anteriores; na seção 3, será oferecido um breve panorama dos materiais e métodos utilizados; na seção 4, descreve-se o contexto sócio-histórico da comunidade; na seção 5, apresentam-se as análises dos traços gramaticais que não são encontrados no português falado pelos mesmos falantes (a ausência de cópula, o uso da cópula em lugar do verbo possessivo, a ordem das palavras incomum no português, os substantivos sem determinante na posição de sujeito, o uso de artigos definidos em SNs preposicionais que correspondem a locuções adjetivas, bem como a concordância variável no SN e a concordância entre o sujeito e o verbo). Em seguida, são apresentadas as considerações finais.

2 Classificações da Cupópia

A Cupópia, que era usada em contextos comunicativos específicos, tem sido classificada como ‘anti-crioulo’ (COUTO, 1992; cf. PETTER, 1999), ‘língua mista simbiótica’ (SMITH, 1994, p. 369), ‘língua especial’ (PETTER, 1998), e crioulo,⁷ ou simplesmente analisada como ‘prática linguística’ (VOGT; FRY, 1996, p. 26). A rigor, a Cupópia pode ser incluída entre os códigos secretos de comunicação intragrupal (FRY; VOGT; GNERRE, 1984; VOGT; FRY, 1983, 1996, 2005; QUEIROZ, 1998; BYRD, 2012; PETTER, 2013), que podem ser encontrados em várias comunidades afro-brasileiras, apresentando um conjunto limitado de itens lexicais de origem africana (por exemplo, a ‘Calunga’ falada em Patrocínio (BYRD, 2012) e a ‘Língua do negro da costa’ falada em Bom Despacho (QUEIROZ, 1998)).

Couto (1992, p. 75) classifica a Cupópia como um ‘anti-crioulo’, no sentido de se tratar de uma variedade que combina a gramática da língua dominante em uma determinada região com o vocabulário de uma língua de substrato ou língua dominada (neste caso, alguma ou algumas línguas africanas (COUTO, 1992, p. 75)). Essa definição pode igualmente ser aplicada a outras afro-variedades do Português com léxico de origem Africana, como a ‘Língua do negro da costa’ e a ‘Calunga’, ambas faladas em comunidades rurais do estado de Minas Gerais.

⁷ Ver *Ethnologue* <<http://www.ethnologue.com/language/ccd>>.

Petter (1999, p. 114) argumenta contra o uso do conceito de anti-crioulo para classificar a Cupópia, uma vez que essa variedade nunca passou por um processo de criouliização. Sugere que a Cupópia seja classificada como uma ‘língua especial’, consistindo, assim, em um código usado, por exemplo, como jargão, por grupos de uma certa idade ou ocupação profissional. (PETTER, 1998, p. 185). Petter (1998, p. 199) também afirma que as línguas especiais se caracterizam pelo seu contexto de uso e podem ter a função de língua secreta (1998, p. 199). Estudos anteriores sobre diferentes tipos de línguas especiais, porém, incluem aspectos não restritos ao léxico nos casos de códigos secretos que diferem das variedades que os rodeiam (ACETO, 1995; GOYVAERTS, 1996).

A classificação proposta por Smith (1994) para a Cupópia é a de ‘língua mista simbiótica’. Nesse caso os falantes formam comunidades e não se comparam, por exemplo, a um grupo de cientistas que recorrem a um léxico especializado (SMITH, 2000, p. 123). Smith (2000, p. 122) afirma que a língua mista simbiótica nunca é a única língua da comunidade, podendo, muitas vezes, funcionar como uma língua secreta. Segundo o autor, uma língua mista simbiótica

combina a estrutura gramatical de uma língua e um número variável de itens lexicais – desde centenas até milhares – ora de uma outra língua (muitas vezes a língua original do grupo) ora de uma gama de fontes diversas, e algumas palavras serão possivelmente construídas ou deformadas deliberadamente. Essas línguas existem em uma relação simbiótica e de dependência com línguas (dominantes) não mistas com (praticamente) a mesma gramática e um léxico da mesma fonte que a gramática (SMITH, 2000, p. 122, tradução e grifos nossos).⁸

A definição de língua mista simbiótica pode ser estendida à Cupópia, embora outras definições possíveis também possam ser aplicadas.

⁸ Combines the grammatical structure of one language, and a varying number of lexical items – from hundreds to thousands in number – either from another language (often the original language of the group), or else from a variety of different sources, some words possibly being constructed or deformed deliberately. These languages exist in a symbiotic and dependent relationship with (dominant) unmixed languages with (virtually) the same grammar, and a lexicon from the same source as that grammar.

Álvarez López e Jon-And (2017) descrevem a Cupópia como um código intragrupal, ou “*lexically-driven in-group code*”, e afirmam que as etimologias africanas coincidem com os dados históricos e demográficos da comunidade, indicando que o grupo de falantes de línguas Bantu como primeira língua ou língua de herança (ou uma coíné de base quimbundo, quicongo e/ou umbundo), contribuíram com mais itens lexicais que outros grupos e que os falantes de quimbundo contribuíram com mais itens lexicais de classes de palavras que não a do substantivo. Um terço dos africanismos foi identificado como termos do vocabulário básico, e uma quarta parte dos vocábulos pertence ao domínio semântico ‘dia a dia’. Esse resultado pode ser parcialmente explicado pelo fato de a Cupópia ter a função de código secreto usado no dia a dia para marcar distância entre os seus falantes e pessoas que não entendem esse código (ÁLVAREZ LÓPEZ; JON AND, 2017). Nesse sentido, a Cupópia pode ser entendida como uma prática discursiva:

a forma como os falantes escolhem o que dizem e como dizem – o que pode ser tão detalhado como uma ingestão de respiração em um ponto particular da interação – é interpretada como o uso de dispositivos (indexais) que informam os ouvintes sobre como ler suas mensagens projetadas de forma interativa. É através de uma leitura desses meios que os ouvintes (ou, mais geralmente, os destinatários) chegam a uma leitura das intenções do falante e, finalmente, a uma leitura de como eles apresentam um sentido de quem eles são. (BAMBERG *et al.*, 2011, p. 182, tradução nossa).⁹

Outros grupos afro-brasileiros também usam palavras e expressões das línguas dos seus ancestrais como marcadores de identidade ou língua secreta (ver, por exemplo, ÁLVAREZ LÓPEZ, 2004; BYRD, 2012). Da mesma forma que a Cupópia conta com um léxico diferenciado de 160 itens lexicais, o vocabulário da Calunga inclui 307 palavras (BYRD,

⁹ Speakers, in their choices of how they say what they say – which may be as detailed as a breath intake at a particular point in the interaction – are interpreted as making use of (indexical) devices that cue listeners on how to read their messages as interactively designed. It is through a reading of these means that hearers (or more generally, recipients) come to a reading of the speaker’s intentions and ultimately to a reading of how speakers present a sense of who they are.

2012, p. 123), e o da Língua do negro da costa, 176 (QUEIROZ, 1998, p. 91). Byrd (2012, p. 148) chegou à conclusão de que a Cupópia e a Calunga compartilham a maior parte do léxico, um total de 42 itens lexicais. Outra língua definida como língua mista simbiótica, o anglo-romani, tem, dependendo da variedade, entre 85 e 350 itens lexicais do romani (MATRAS *et al.*, 2007, p. 165). As semelhanças entre a Cupópia e o anglo-romani incluem, além da existência simbiótica com a língua dominante, a motivação para os empréstimos lexicais de fontes ancestrais mencionada por Matras: “O anseio pelo idioma antigo apoia a manutenção de um vocabulário básico, algumas regras produtivas de formação de vocabulário e algumas expressões fossilizadas” (MATRAS *et al.*, 2007, p. 149, tradução nossa).¹⁰

3 Materiais e método

O corpus do Cafundó é constituído de cerca de 46 horas de gravações, realizadas por Vogt e Fry entre 1978 e 1980. Nos trechos das entrevistas em que os falantes empregam a Cupópia, a tendência é que todos os substantivos pertençam a essa variedade, bem como a maioria dos verbos e adjetivos, enquanto os morfemas gramaticais são, em sua totalidade, os do português.

Visto que os dados propriamente da Cupópia são escassos nas gravações que compõem o Projeto Cafundó, a análise morfossintática que apresentamos está baseada em uma entrevista da amostra em que cinco participantes moradores do Cafundó alternam entre a Cupópia e o português, totalizando cerca de 6.000 palavras, entre as quais cerca de 500¹¹ pertencem ao léxico da Cupópia.¹² Todas as frases com itens lexicais da Cupópia foram analisadas visando identificar padrões sintáticos específicos.

A análise compara estruturas da Cupópia e do português falado pelos moradores do Cafundó que aparecem na mesma gravação. A questão norteadora do estudo é se os traços gramaticais específicos encontrados na

¹⁰ A longing for the old language supports the maintenance of a core vocabulary, a few productive rules of vocabulary formation, and a few fossilized expressions.

¹¹ 56 palavras da Cupópia utilizadas 506 vezes no material selecionado.

¹² Entrevista realizada por Carlos Vogt em 13 de maio de 1978 em Salto de Pirapora, São Paulo. *Coleção Cafundó*, Centro de Documentação Alexandre Eulálio, Universidade Estadual de Campinas.

Cupópia aparecem no Português do Cafundó. A comparação é relevante para poder determinar se a Cupópia é uma variedade do português rural do interior de São Paulo que abarca um conjunto de empréstimos de origem africana, ou se apresenta traços gramaticais que não são encontrados no português falado pelos membros da comunidade. Para os traços que ocorrem com mais frequência, como a falta de marcas de concordância internas ao SN e ao SV, foi realizada uma breve comparação quantitativa que mostra se os fenômenos que ocorrem tanto na Cupópia como no português da região têm a mesma frequência nas duas variedades.

4 Breve história social do Cafundó

Para reconstruirmos o processo de criação da Cupópia, é importante considerar o cenário linguístico na época da sua formação.¹³ Sabemos que os africanos foram introduzidos na região de São Paulo após 1750, e várias fontes históricas indicam que a língua predominante entre os cativos era provavelmente o quimbundo (VOGT; FRY, 1996, p. 181-182). Os primeiros registros escritos dos ancestrais do principal grupo familiar no Cafundó são de 1803, quando Florinda, a bisavó de Antônia e Ifigênia, foi registrada entre os escravos como crioula de sete anos (cf. SLENES, *apud* VOGT; FRY, 1996, p. 56-59). As genealogias detalhadas apresentadas por Slenes mostram que a situação da família era estável, o que provavelmente fez com que os pais pudessem passar as suas tradições de geração em geração (cf. VOGT; FRY, 1996, p. 57). Sabe-se ainda que o bisavô do dono de Antônia e Ifigênia chegou à região em meados do século 18 e que, na primeira metade do século 19, cerca de 50% dos escravos da região eram africanos, enquanto o resto tinha nascido no Brasil (VOGT; FRY, 1996, p. 53, 182).

Com base no acima exposto, podemos assumir que a Cupópia surgiu após 1750. Parte da população escrava pode ter sido bilíngue e abandonado as línguas africanas, passando então a falar uma variedade

¹³ No caso da comunidade do Cafundó, contamos com o trabalho de recuperação da documentação específica que fornece detalhes sobre a história da comunidade e a população da região, realizada pelo historiador Robert Slenes (capítulo 2 do livro de Vogt e Fry, 1996). Temos acesso, por exemplo, a árvores genealógicas da família das escravas e dos seus donos. Slenes (2016) apresentou uma reflexão sobre esse trabalho, destacando a forma como a metodologia utilizada marcou os seus trabalhos posteriores.

regional do português no início do século 19. Essa situação é condizente com o que propõe e Winford (2009, p. 311), para quem, em situações similares à descrita, o normal é a terceira geração mudar para a língua dominante em um determinado contexto social. Uma hipótese é a de que, tendo o Português se tornado língua da comunidade, os itens lexicais de uma coíné de base Bantu (quimbundo / quicongo / umbundo), originalmente falada pelos mais velhos, tenham sido incorporados a um código diferenciado (ÁLVAREZ LÓPEZ; JON-AND, 2017). Nesse sentido, Vogt e Fry (1996, p. 186) constataam que, no mínimo, 20% do vocabulário tem “raízes de ampla difusão nas línguas banto.”

A Cupópia seria, nesse caso, o resultado de um processo descrito por Winford (2005, p. 399, tradução nossa)¹⁴ como um “empréstimo lexical sob agentividade da língua receptora”, o que pode ser comparado ao caso do anglo-romani, uma outra língua mista simbiótica (SMITH, 1994, 2000). Dessa forma, ao alternarem entre a Cupópia e o Português, a comunidade pode ter negociado uma identidade de grupo, que, nas palavras de Smith, “usa tanto a língua dominante como a sua própria língua secreta” (SMITH, 2000, p. 123, tradução nossa).¹⁵

5 Características morfossintáticas da Cupópia

Nos trechos das entrevistas selecionados para a análise, a maioria dos morfemas lexicais fazem parte do vocabulário específico da Cupópia (160 palavras), e todos os morfemas gramaticais provêm do Português. O léxico se mostra bastante produtivo, havendo expansões semântico-lexicais mediadas por processos de metonímia, analogia, homonímia e uso metafórico da linguagem, além do uso de construções perifrásticas (VOGT; FRY, 1996, p. 129-134).

Nos trechos analisados, a predominância de itens lexicais da Cupópia possibilita que a alternância de código entre essa língua e o Português seja identificada com facilidade. Todos os substantivos (em um total de 306 ocorrências) identificados nos trechos pertencem ao léxico da Cupópia.¹⁶ No que concerne aos verbos, com exceção de cópulas e formas

¹⁴ No original: lexical borrowing under RL [Recipient Language] agentivity.

¹⁵ Uses both the dominant language and their own secret language.

¹⁶ Para estudos mais detalhados sobre o léxico da Cupópia, ver Vogt e Fry (1996) e Álvarez López e Jon-And (2017).

auxiliares, 80% (157 de 197 ocorrências) pertencem ao vocabulário da Cupópia, e 20%, ao do Português. Não encontramos adjetivos típicos do português nos excertos analisados, mas ocorrem alguns adjetivos da Cupópia. Os itens *nani* ‘pequeno, pouco, nenhum’ e *vavuru* ‘grande, muito’ são usados como adjetivos, advérbios e quantificadores. Os termos *vimbundo* ‘negro’ e *olofombe* ‘branco’ aparecem como adjetivos e substantivos. Todos os advérbios, com exceção de *nani* e *vavuru*, quando usados como tais, provêm do português, sendo que dominam neste grupo os advérbios de localização temporal e espacial, como ‘hoje’, ‘agora’, ‘aqui’, ou ‘lá’. Os verbos auxiliares, cópulas, pronomes, artigos, conjunções e preposições são, em sua totalidade, formas do português, assim como todos os morfemas gramaticais desinênciais, como os de tempo, aspecto e modo (TAM).

Esta seção apresenta, em primeiro lugar, a análise qualitativa de estruturas gramaticais encontradas em casos particulares (e que não são generalizadas) na Cupópia (omissão de cópula, uso da cópula em lugar do verbo possessivo e ordem das palavras incomum no português). Em seguida, é realizada uma comparação quantitativa da morfologia dos sintagmas nominais (SNs) e dos sintagmas verbais (SVs) dos trechos em Cupópia e português produzidos pelos mesmos falantes.

5.1 Omissão de cópula

No material analisado, registramos casos de omissão de cópula em construções como as que se seguem:

(1) *nhacorucoto*¹⁷ *vavuro* (“a minha cabeça é grande”)

(2) *nhacorocotu nani* (“a minha cabeça é pequena”)

É possível saber que as traduções dessas sentenças devem incluir a cópula *ser* porque as frases foram traduzidas da Cupópia para

¹⁷ O falante que produziu os exemplos (1) e (2) afirmou, por um lado, que *nhacorocotu* significa ‘cabeça’ e, por outro lado, traduziu *nhacorocotu vavuru* como ‘a minha cabeça é grande’ e, *nhacorocotu nani* como ‘a minha cabeça é pequena’. Com base nessa informação, não foi possível deduzir se *nhacorocotu* significa ‘cabeça’ ou ‘a minha cabeça’. É possível que *nha* seja um prefixo derivado de ‘minha’. *Nha* também é o pronome possessivo da primeira pessoa do singular no crioulo cabo-verdiano (BAPTISTA, 2002, p. 59).

o português pelo próprio falante que as produziu. A possibilidade de omissão da cópula não está presente em nenhuma sentença do português constante da mesma gravação, sendo, além disso, considerada agramatical no português brasileiro.¹⁸

Apesar de não termos encontrado exemplos de omissão da cópula no Português do Cafundó, trata-se de um fenômeno já observado em variedades do português afro-brasileiro que passaram por uma reestruturação gramatical, como no caso da variedade de Helvécia (LUCCHESI *et al.*, 2009c, p. 93-94). Essas variedades, contudo, carecem do léxico de origem africana (com exceção, óbvio, dos africanismos que já fazem parte do português brasileiro) – ver Lucchesi *et al.*, (2009a).

A omissão da cópula, atestada em línguas pidgin e crioulas, também ocorre em variedades afro-hispânicas, como a afro-cubana, afro-dominicana, afro-panamenha, e na variedade do Vale do Chota no Equador (GREEN, 1997, p. 91; LIPSKI, 1989, p. 26; LIPSKI, 2005, p. 1; ORTIZ LÓPEZ, 1998, p. 93; SESSAREGO, 2013, p. 77). De acordo com Sharma e Rickford (2009, p. 53-54, tradução nossa),¹⁹ os estudos sobre omissão de cópula no Inglês Vernáculo Afro-americano (AAVE) e em línguas crioulas mostra que

o condicionamento da ausência de cópula na segunda língua não se assemelha ao padrão do inglês vernáculo afro-americano e do crioulo. [...] Os achados sugerem que o padrão do inglês vernáculo afro-americano e do crioulo derivou de uma tendência geral na aquisição de segunda língua, e aumentam a possibilidade de que o padrão reflita uma influência de substrato compartilhado de línguas da África Ocidental ou outros fatores históricos de contato.

¹⁸ A omissão de cópula em orações absolutas só é admitida no português brasileiro na formação das chamadas *small clauses* livres, em que o sujeito é realizado em posposição a um predicado nominal que apresenta um caráter nitidamente avaliativo, como em *Bonito, o seu cabelo* e *Inteligente, aquela criança*. Esse não é o caso das construções da Cupópia apresentadas em (1) e (2), em que as sentenças copulares estão na ordem direta, e o predicado é descritivo, e não avaliativo.

¹⁹ Conditioning of copula absence in the second language data does not resemble the AAVE and creole pattern. [...] The findings reduce the possibility that the overall AAVE/creole pattern derives from a general tendency in second language acquisition and increase the possibility that the pattern reflects a shared substrate influence from West African languages or other historical contact factors.

Uma hipótese possível é que os dois casos de omissão da cópula na Cupópia possam ser explicados pelo fato de o quimbundo, a língua que mais se destaca como substrato dos itens lexicais de origem africana, normalmente não expressar o equivalente à cópula *ser* do Português (CHATELAIN, 1889, p. 4). Como mencionado em Winford (2009, p. 320), a omissão variável de cópula costuma ocorrer como um processo de simplificação durante a aquisição de segunda língua. Holm (2009, p. 339), por sua vez, afirma que, em casos de omissão, ‘a tendência é que as variedades parcialmente reestruturadas se tornem mais parecidas com as suas línguas de substrato’.

A omissão da cópula pode ser rara em variedades do português brasileiro, mas tem sido atestada, como ressaltamos, em estágios prévios de variedades rurais afro-brasileiras (LUCCHESI *et al.* 2009c, p. 94), podendo, assim, tratar-se de um vestígio da aquisição espontânea do português por parte da massa de falantes de línguas africanas.

5.2 Uso de cópula em lugar do verbo possessivo

Também encontramos dois casos de uso estendido de cópula em predicções possessivas, ilustrados nos exemplos 3 e 4:

(3) *quantos camanacu o jocorocotu tá* (“quantos filhos o velho tem”)

(4) *tatinha é orombongui vavurinho* (“o homenzinho tem muitinho dinheiro”)

Nos exemplos (3) e (4), temos as cópulas *estar* e *ser*, respectivamente. O uso de formas copulares para expressar posse não aparece nos dados analisados do português falado no Cafundó, bem como não é usual no português de um modo geral, independentemente da variedade. O uso estendido de cópulas é restrito a esses dois exemplos no material analisado e não constitui, portanto, prova de um traço categórico na Cupópia. Os dois exemplos podem, no entanto, refletir uma tendência de reestruturação na Cupópia que não se encontra no português dos mesmos falantes.

É importante observar que as expressões possessivas construídas com cópulas acompanhadas de preposições (do tipo *estar com*) no lugar de um verbo inerentemente possessivo (como o inglês *to have* ou o português *ter*) podem ser encontradas tanto no quimbundo (CHATELAIN, 1889,

p. 8) como no quicongo (TAVARES, 1915, p. 107). O uso de cópulas para a expressão da posse, ainda que sem a preposição, pode, dessa forma, ser explicado pela influência do substrato ou pelos processos de simplificação estrutural na aquisição espontânea de uma língua. A cópula, entretanto, não aparece junto com preposições nesses casos, diferentemente do que ocorre nas duas línguas bantas mencionadas.

5.3 Ordem não padrão das palavras

A amostra da Cupópia também revela dois casos em que a ordem dos quantificadores equivalentes aos itens ‘nada/pouco’ e ‘muito’ não segue o padrão esperado para o português. Esses exemplos contêm as palavras *vavuro* (‘grande’ ‘muito’) e *nani* (‘pequeno’, ‘pouco’, ‘um pouco’, também usado como negação e pronome indefinido negativo). Na amostra, as duas palavras aparecem em diferentes contextos e parecem incorporar propriedades de adjetivo, quantificador ou advérbio. Os seguintes exemplos mostram os casos de ordem de palavras inesperados:

(5) *nani nani do orombongui nani* (“nada/pouco dinheiro”)

(6) *tatinha é orombongui vavurinho* (“o homenzinho tem dinheiro muitinho/mesmo”)

No exemplo (5), *nani* é interpretado como ‘pouco’ ou ‘nada’, sendo repetido antes e depois do SN preposicionado ‘do dinheiro’. Essa colocação do modificador não aparece no português do Cafundó da mesma gravação. Em português, o esperado seria que o modificador precedesse a frase preposicional (*pouco do dinheiro*). A colocação do modificador após a frase modificada (*do dinheiro pouco*) não é usual. Uma interpretação possível seria aquela em que a terceira ocorrência de “nani” cumpre a função de ênfase pragmática, caso em que não seria claramente um desvio do esperado em português.

No exemplo (6), consideramos duas interpretações alternativas. Por um lado, *vavuro* pode funcionar como um quantificador que indica uma grande quantidade de *orombongui* ‘dinheiro’. Em português, o quantificador é normalmente colocado antes do substantivo, e não depois. Por outro lado, *vavuro* pode ser interpretado como advérbio modificador da frase ‘o homenzinho tem dinheiro’ e intensificando o significado do verbo (*o homem tem mesmo dinheiro* ou *o homem tem dinheiro mesmo*).

Para essa interpretação, a colocação do advérbio é possível em Português, em que a posição esperada seria diretamente depois do verbo ou no final da frase.

Os dois exemplos apresentados do emprego de “nani” e “vavuro” podem, como mencionado, ter interpretações alternativas que não fogem ao que se espera no português. Deve-se, no entanto, também considerar a possibilidade de esses modificadores seguirem padrões mais livres de colocação do que os seus correspondentes em português.

5.4 Propriedades morfossintáticas no nível do SN

Quanto às características morfossintáticas, analisamos algumas propriedades gerais do SN e do SV e comparamos os dados da Cupópia com o português produzido pelos mesmos falantes. Não estamos afirmando que as características em questão não ocorram em outras variedades do português; queremos dizer que não apareceram na fala das pessoas entrevistadas. As diferenças encontradas entre a Cupópia e o português nas mesmas conversas sugerem diferenças estruturais entre os dois códigos.

Começando pelo SN, os traços analisados são os seguintes: concordância variável de gênero, marcação variável do plural, substantivos sem determinante na posição de sujeito e o uso de artigos definidos em SNs preposicionais que correspondem a locuções adjetivas. O número total de SNs e SVs nos materiais não é suficiente para testar a significância estatística das diferenças encontradas entre a Cupópia e o português produzido pelos mesmos falantes na mesma ocasião. Contudo, consideramos relevante apresentar algumas comparações quantitativas das diferenças e semelhanças entre SNs e SVs nas duas variedades utilizadas nas entrevistas, já que as diferenças chamam a atenção. No Quadro 1, apresentamos a análise dos SNs.

QUADRO 1 – Sons da Cupópia e do Português do Cafundó
no *corpus* analisado

CUPÓPIA	PORTUGUÊS do CAFUNDÓ
<p>10% (4/41) dos substantivos mostram concordância de gênero variável:</p> <p>(7) <i>cuenda cupópia atrás da curima</i> ("fala (?) cupópia atrás da festa")</p> <p>(8) <i>o curima é o curima</i> ("a festa é a festa")</p>	<p>Não encontramos concordância de gênero variável.²⁰</p>
<p>Em todos os SNs no plural (28), só o primeiro elemento leva a marca do plural:</p> <p>(9) <i>cupópia pro-s tata levar</i> ("cupópia para os homens levar")</p>	<p>64% (7/11) dos SNs no plural levam marca de plural unicamente no primeiro elemento.</p>
<p>28% (7/25) dos substantivos na posição de sujeito não têm determinantes:</p> <p>(10) <i>camanacu tá curirano</i> ("a criança está chorando")</p>	<p>Não encontramos substantivos sem determinantes na posição de sujeito.</p>
<p>Ocorrem frases preposicionais com a função de locução adjetiva, onde o substantivo é precedido de um artigo definido, mesmo quando não é esperado para o Português:</p> <p>(11) <i>agora tem camberere do canguru</i> ("agora tem carne de porco")</p> <p>(12) <i>tava meio ingrimado do anguara</i> ("estava meio bêbado de cachaça")</p>	<p>Não encontramos frases preposicionais com artigo onde não é esperado.</p>

5.4.1 Concordância variável de gênero

Apesar de não termos exemplos de concordância variável de gênero no português do Cafundó, Petter (1999, p. 112-113) apresenta exemplos desse fenômeno na mesma variedade. Também Amaral (1982, p. 70) registrou alguns casos no português 'caipira', falado na mesma região, no início do século 20, uma geração após a abolição da escravidão. O mesmo traço foi observado na região na década de 1970

²⁰ No português há substantivos comuns de dois gêneros. Entretanto, essa classificação feita para o português não se aplica aos casos da Cupópia aqui apresentados.

por Rodrigues (1974, *apud* LIMA, 2007, p. 161). Essa característica é também encontrada em algumas comunidades não definidas como afro-brasileiras (LOPES; PAGOZZO, 2014; LIMA, 2007), bem como em várias comunidades rurais afro-brasileiras (BAXTER, 1998, p. 118-119; BYRD, 2012, p. 177-178; CARENO, 1997, p. 90; LUCCHESI, 2009a, p. 305; PETTER; ZANONI, 2005; QUEIROZ, 1998, p. 85) e em variedades de português e espanhol faladas na África (INVERNO, 2011, p. 163-165; GONÇALVES, 1997, p. 61-62; LIPSKI, 2004; LUCCHESI 2009a, p. 305). Foi ainda observada em textos literários que reproduzem a fala de africanos falantes de espanhol e português como segunda língua (LIPSKI, 2005; ÁLVAREZ LÓPEZ; ALKMIM, 2009) e em variedades afro-hispânicas faladas na Bolívia, República Dominicana, Equador e Panamá (GREEN 1997, p. 98; LIPSKI, 1989, p. 18-20; LIPSKI, 2008, p. 20; LIPSKI, 2015, p. 109-110; SESSAREGO, 2013).

5.4.2 Concordância variável de número

Nos trechos em Cupópia, a marca de plural aparece sistematicamente no primeiro elemento do SN (ver o exemplo 9 no Quadro 1). Os 28 SNs no plural contêm 2 elementos: determinante e substantivo. Em todos os casos, a marca de plural está no determinante. Os dados sugerem que os substantivos em Cupópia são morfologicamente invariáveis, já que número e gênero são marcados apenas no determinante. No português do Cafundó, a mesma estrutura, com marca de plural só no primeiro elemento do SN, é encontrada em 7 dos 11 SNs no plural. No entanto, em quatro casos, todos os elementos do SN têm a marca de plural, o que equivale à marcação padrão.

A concordância variável de número ocorre em todas as variedades vernáculas do português brasileiro, embora o grau varie dependendo de fatores sociais, como nível de educação, contextos urbano ou rural, e faixa etária (BAXTER, 2009, p. 269-293; LUCCHESI, 2009b, p. 526-527). Até onde sabemos, o uso categórico e invariável da marcação de plural no primeiro elemento do SN, tal como na Cupópia, ainda não foi registrado em nenhum estudo sobre variedades do português brasileiro. Cabe ressaltar, contudo, que, na maioria dos exemplos apresentados por Amaral (1982, p. 70-71), Byrd (2012, p. 176-177, 185-186), Careno (1997, p. 90) e Queiroz (1998, p. 85) sobre variedades rurais do português, a marcação de plural aparece unicamente no primeiro elemento do SN.

Baxter (2009, p. 278, 293) mostra que a tendência para marcar o plural só no determinante é forte, mas não categórica no Português de Helvécia, bem como no Português dos Tongas de São Tomé, e atribui o traço à reestruturação histórica devida ao processo de aquisição espontânea da língua por parte de falantes de línguas africanas. A mesma tendência, embora menos forte, foi observada em outras variedades de Português brasileiro (GUY, 1981; SCHERRE, 1988, p. 142-241; LOPES, 2001) e Português de São Tomé (FIGUEIREDO, 2008, p. 30-32), assim como em variedades de Português moçambicano e cabo-verdiano (JON-AND, 2011, p. 99-100, 123-125). Lipski (2010, 2015, p. 111-112) registrou uma tendência para marcar o plural no determinante no Espanhol dos afro-bolivianos, afro-colombianos de Palenque, afro-equatorianos e afro-paraguaios. Lipski (2004, p. 84-87) também apresentou exemplos de marcação sistemática do plural no primeiro elemento do SN em um número de variedades afro-hispânicas e afro-portuguesas e sugeriu que essa característica tenha sido difundida por meio dos pidgins usados pelos traficantes de escravos na época colonial. De acordo com Lipski (2015, p. 111), essa marcação sistemática por meio de um sufixo acrescentado ao primeiro elemento do SN não poderia ter origem nas línguas Bantu que têm prefixos marcadores de classes nominais e de concordância.

5.4.3 Substantivos sem determinantes como sujeito

Nas gravações analisadas, há 9 casos em que ocorrem, na Cupópia, substantivos sem determinantes na posição de sujeito (ver exemplo 10 no Quadro 1), enquanto nas demais ocorrências, que somam 42 casos, os substantivos são precedidos por determinantes, como no português padrão. No português do Cafundó, o comportamento variável não é observado, já que os substantivos que aparecem são sempre precedidos por determinantes.

Os substantivos sem determinantes no singular em posição de sujeito são comuns no português afro-brasileiro (BAXTER; LOPES, 2009, p. 328) e em variedades afro-hispânicas (LIPSKI, 2005, p. 267-268, 2015, p. 112; GUTIÉRREZ-REXACH; SESSAREGO, 2011). Baxter (2002, p. 31-33) mostrou que os substantivos sem determinantes em contextos definidos são comuns no Português dos Tongas em São Tomé e atribui esse fato à influência do substrato Bantu.

5.4.4 Uso não esperado de artigos definidos

Observamos o uso de artigos definidos em SNs preposicionados que formam locuções adjetivas na Cupópia (ver exemplo 11-12 no Quadro 1). O contexto indica que os substantivos são genéricos, e não específicos, o que levaria usualmente à realização de um substantivo sem determinante em variedades do português brasileiro. Essa estrutura não foi encontrada no português do Cafundó, nem temos conhecimento de que tenha sido mencionada em estudos anteriores sobre afro-variedades de português e espanhol. É possível que a contração da preposição *de* com o artigo definido *o* (*do*) tenha sido reinterpretada, em determinados casos, como uma preposição na Cupópia. No entanto, a preposição *de* ocorre de forma independente em outros contextos, e a contração *do* aparece em situações nas quais o significado original se mantém, o que requer uma observação mais detida, bem como estudos mais sistemáticos, para compreender melhor esse uso do artigo.

5.4.5 Marcadores de tempo, aspecto e modo

No SV, os resultados não indicam um nível mais alto de reestruturação gramatical parcial (no sentido de HOLM, 2009²¹) na Cupópia, em comparação com o português do Cafundó. A Cupópia compartilha todas as flexões verbais de TAM do português brasileiro, como mostram os exemplos (14)-(19) na Tabela 4. Não há contextos nos quais a flexão de TAM seja omitida no corpus. Os resultados mostram que os verbos da Cupópia apresentam flexões morfológicas, em contraste com o que se observa entre os substantivos, que são aparentemente invariáveis. Para TAM, a Cupópia e o português do Cafundó apresentam o mesmo comportamento que o português brasileiro padrão. A comparação entre as características do SV na Cupópia e no português do Cafundó é sistematizada no Quadro 2.

²¹ Holm refere-se a reduções morfossintáticas como, por exemplo, a perda de morfologia verbal e nominal e a ausência de cópula.

QUADRO 2 – Svs da Cupópia e do Português do Cafundó no *corpus*

CUPÓPIA	PORTUGUÊS do CAFUNDÓ
Flexões verbais para TAM. (13) <i>cuendei o tata</i> (“Fiz (alguma coisa?) ao homem”) (14) <i>já cuendava o cambererá</i> (“já pegava(?) a carne”) (15) <i>coçumbou a cupópia na ambara</i> (“ouviu Cupópia na cidade”) (16) <i>o tata vimbundo tá coçumbando</i> (“o homem negro está ouvindo”) (17) <i>queria que eu picopiasse</i> (“queria que eu falasse”)	Flexões verbais para TAM.
79% (33/42) de aplicação da regra padrão de concordância sujeito-verbo. (18) <i>cupopiamo vavuru</i> (“falamos muito”) (19) <i>nós chega lá no injó</i> (“chegamos lá na casa”)	79% (167/212) de aplicação da regra padrão de concordância sujeito-verbo.

Para a concordância sujeito-verbo, encontramos variação tanto na Cupópia como no Português do Cafundó. Em 9/42 casos com verbos nos quais o sujeito é explícito ou pode ser inferido pelo contexto, o verbo não concorda com o sujeito.

O padrão de concordância variável sujeito-verbo, tanto na Cupópia quanto no Português do Cafundó, parece ter sido comum no Português Caipira estudado por Amaral em 1920 (ver AMARAL, 1982, p. 72-73). Padrões semelhantes foram observados em variedades afro-latinas (BYRD, 2012, p. 188; CARENO, 1997, p. 91; LIPSKI, 2005, p. 253; QUEIROZ, 1998, p. 83) e variedades informais de português brasileiro e africano (LIPSKI, 2004, p. 87-88, 2015, p. 110). Conforme os estudos quantitativos sobre o português afro-brasileiro e comunidades rurais isoladas, a porcentagem de aplicação da regra de concordância é 13% para as mulheres e 19% para os homens (LUCCHESI *et al.*, 2009b, p. 358). A Cupópia e o Português do Cafundó mostram uma porcentagem muito mais alta de aplicação da regra de concordância (79%) do que variedades que não têm um léxico específico de origem

africana como as descritas em Lucchesi *et al.* (2009a). Esse resultado está em linha com a porcentagem de aplicação da mesma regra no português brasileiro falado no Rio de Janeiro (BRANDÃO; VIEIRA, 2012, p. 24). A correspondência exata da porcentagem de concordância verbal em ambas as variedades pode ser uma coincidência devida ao número limitado de SVs analisados. O que se pode constatar, considerando o nível semelhante de concordância verbal, é que, no tocante ao SV, não foi encontrada nenhuma indicação de níveis diferentes de reestruturação entre o português e a Cupópia.

A análise do material ao qual temos acesso sugere que os falantes produzem padrões gramaticais diferentes na Cupópia e no Português do Cafundó. A tendência encontrada sugere um nível mais alto de reestruturação na Cupópia. Algumas das características encontradas (concordância variável, nomes nus, omissão de cópula, uso estendido de cópula) podem ser resultados da influência das estruturas das línguas Bantu que contribuíram para o léxico da Cupópia. Entretanto, as mesmas características também podem ser explicadas por meio de mecanismos de simplificação devido à aquisição espontânea de uma segunda língua pelos ancestrais dos falantes da Cupópia, como “*Input* da língua alvo, influência da L1, processos de simplificação, e mudanças desencadeadas pela deriva interna” (cf. WINFORD, 2009, p. 317-318, tradução nossa).²²

Os padrões de concordância no SN da Cupópia são semelhantes aos estágios prévios do Português Caipira documentado por Amaral (1982) no início do século 20. Em consequência, Petter (1999, p. 101) sugeriu que se tratava de uma variedade semelhante ao Português Caipira descrito por esse autor. As características gramaticais específicas observadas no Português Caipira podem ser explicadas como o resultado de aquisição espontânea da língua portuguesa por parte dos falantes das línguas Bantu que foram introduzidos nessa região e por seus descendentes.

Observou-se ainda um nível mais elevado de reestruturação no SN da Cupópia que no SN do Português do Cafundó para todos os aspectos analisados (concordância variável de gênero e número e substantivos sem determinantes em contextos específicos). Contrariamente ao que foi observado para o SN, o SV da Cupópia parece apresentar um comportamento semelhante ao do SV do Português do Cafundó, com

²² TL [target language] input, L1 influence, processes of simplification, and internally driven changes.

as mesmas flexões verbais e a mesma variação na concordância, o que corresponde ao esperado para variedades vernáculas do português brasileiro.

A quantidade limitada de dados não nos permite chegar a conclusões definitivas em relação à estrutura da Cupópia. Contudo, as tendências observadas são suficientemente consistentes para que os resultados apresentados neste trabalho possam contribuir tanto na descrição quanto nos debates sobre a sua origem.

A Cupópia compartilha a maioria das suas características com variedades africanas e latino-americanas de Português e Espanhol, aí incluído o Português Caipira descrito por Amaral (1920). Por sua vez, o Português do Cafundó se inclui entre as variedades vernáculas do português brasileiro e, dessa perspectiva, parece estar se tornando uma variedade menos reestruturada do que era no século 20 (cf. ÁLVAREZ LÓPEZ; JON-AND, 2017).

6 Considerações finais

O presente artigo mostra que a Cupópia apresenta padrões estruturais possivelmente induzidos pelo contato que compartilha com variedades do português regional faladas na época em que ex-escravos nascidos na África ainda viviam ali. Além disso, a análise morfossintática do material sugere que a Cupópia é estruturalmente diferente do Português falado pelos mesmos falantes e que as diferenças se concentram no SN, o que talvez fosse esperado já que a maioria das palavras são substantivos. O nível de reestruturação parece ser mais elevado do que é esperado para a maioria das variedades de contato afro-latinas, e, no caso da omissão da cópula, observou-se que há semelhanças com pidgins e crioulos. Entretanto, o grau de aplicação das regras de concordância do padrão no SV é mais elevado do que o atestado em outras variedades de português afro-brasileiro.

Em soma, há pelo menos três explicações possíveis para o grau elevado de reestruturação observada na Cupópia em comparação com o Português do Cafundó. Em primeiro lugar, a reestruturação pode ser uma herança direta das estruturas observadas no Português Caipira do início do século 20. Não obstante, essa hipótese não explica todas as particularidades observadas, visto que a Cupópia e o Português Caipira não parecem compartilhar todos os traços que os distinguem do Português

brasileiro vernáculo. Ao mesmo tempo, o Português do Cafundó falado pelos mesmos indivíduos está mais perto das variedades vernáculos do que a Cupópia. A pergunta é: por que os SNs da Cupópia não mudam na direção das variedades vernáculos com as quais a língua tem uma relação simbiótica, já que os SVs parecem estar se encaixando no paradigma do português vernáculo?

Em segundo lugar, existe a possibilidade de que a reestruturação gramatical tenha ocorrido em um processo intenso de empréstimos por parte de falantes que não falavam fluentemente a(s) língua(s) fonte(s) da(s) qual(quais) a Cupópia teria emergido (como Kimbundu, Kikongo, Umbundu), porém, é difícil provar isso, já que não existem registros históricos da Cupópia.²³

Em terceiro lugar, existe a possibilidade de a reestruturação gramatical ser o resultado de um grau de flexibilidade mais alto, característico das línguas mistas simbióticas. Winford (2005, p. 386, tradução nossa)²⁴ afirma que “certas inovações estruturais na língua receptora parecem ser mediadas por empréstimos léxicos”. Ainda assim, Winford não fornece uma explicação detalhada de como os empréstimos lexicais medeiam essa reestruturação. Uma maneira de explicar esse processo seria comparar a Cupópia com uma língua que apresenta características lexicais e gramaticais similares, por exemplo, o anglo-romani.

O anglo-romani se destaca pelo uso de um repertório lexical de origens ancestrais (o romani), inseridos na estrutura gramatical da língua maioritária da sociedade e do grupo (o inglês). O anglo-romani, similarmente às nossas observações sobre Cupópia e o português, apresenta omissões e reduções gramaticais que não são estruturalmente compatíveis com o inglês produzido pelos mesmos falantes (MATRAS *et al.*, 2007, p. 172). Isso é exemplificado, entre outras coisas, pela omissão do artigo definido:

²³ Certain structural innovations in a RL [Recipient Language] appear to be mediated by lexical borrowing.

²⁴ Angloromani allows greater flexibility in the omission of overt indications that information is contextually highly retrievable. [...] We suggest that the relative ease with which overt indication of contextually retrievable information [...] is omitted in Angloromani is indeed connected to the conversational functions of Angloromani, and thus to the attitudes surrounding it. It is not primarily a means of conveying propositional content, but is rather a means of emphasizing the emotive aspects of the message.

Kekka pen dovva, rakli's trash!

'Don't say that, [the] girl's scared!' (MATRAS *et al.*, 2007, p. 173)

Matraset *al.* (2007) chamam a atenção para o fato de que, em comparação com o inglês padrão, o anglo-romani é mais flexível:

O Angloromani permite uma maior flexibilidade na omissão de indícios abertos de que a informação é altamente recuperável no contexto. [...] Sugerimos que a relativa facilidade com que a indicação aberta de informações recuperáveis contextualmente [...] é omitida em Angloromani está realmente conectada às funções conversacionais do Angloromani e, portanto, às atitudes em torno dela. Não é principalmente um meio de transmitir conteúdo proposicional, mas sim uma forma de enfatizar os aspectos emotivos da mensagem. (MATRAS *et al.*, 2007, p.173, tradução nossa).²⁵

As observações apresentadas no presente estudo sugerem, de certa forma, essa terceira possibilidade, já que a comparação com o anglo-romani parece relevante, considerando as semelhanças observadas entre essa língua e a Cupópia no que concerne às suas estruturas lexicais e gramaticais, bem como às suas origens. O SN da Cupópia é mais parecido com o Português Afro-brasileiro que com outras variedades de possíveis línguas simbióticas com léxico de origem africana no Brasil.

Não conseguimos, com base nas circunstâncias demográficas, explicar por que uma língua mista simbiótica surgiu nessa comunidade e não em outras comunidades similares no Brasil. Acreditamos que a emergência e a manutenção da Cupópia podem ter sido motivadas pelas intenções e negociações de identidade dos falantes afrodescendentes que usavam predominantemente o português. Finalmente, consideramos que as três explicações são possíveis e que não se excluem mutuamente.

²⁵ Angloromani allows greater flexibility in the omission of overt indications that information is contextually highly retrievable. [...] We suggest that the relative ease with which overt indication of contextually retrievable information [...] is omitted in Angloromani is indeed connected to the conversational functions of Angloromani, and thus to the attitudes surrounding it. It is not primarily a means of conveying propositional content, but is rather a means of emphasizing the emotive aspects of the message

Referências

ACETO, M. Variation in a secret creole language of Panama. *Language in Society*, Cambridge University Press, n. 24, p. 537-560, 1995.

ÁLVAREZ LÓPEZ, L. *A língua de Camões com Iemanjá: forma e funções da linguagem do candomblé*. 2004. 228f. Dissertation (Doctoral) – Stockholm University, Stockholm, 2004.

ÁLVAREZ LÓPEZ, L.; ALKMIM, T. Registros da escravidão: as falas de pretos-velhos e de Pai João. *Stockholm Review of Latin American Studies*, Institute of Latin American Studies, n. 4, p. 37-48, 2009.

ÁLVAREZ LÓPEZ, L.; JON-AND, A. Lexical and morphosyntactic features of a lexically driven in-group code. *Journal of Pidgin and Creole Languages*, John Benjamins, v. 32, n. 1, p. 75-103, 2017.

AMARAL, A. *O dialeto caipira*. 4th ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1982 [1920].

BAMBERG, M.; de FINA, A.; SCHIFFRIN, D. Discourse and identity construction. In: SCHWARTZ, S. J.; LUYCKX, K.; VIGNOLES, V. L. (Ed.). *Handbook of identity theory and research*. New York: Springer, 2011. p. 177-200. Doi: https://doi.org/10.1007/978-1-4419-7988-9_8.

BAPTISTA, M. *The Sotavento Varieties*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2002.

BAXTER, A. O português vernáculo do Brasil – Morfossintaxe. In: PERL, M.; SCHWEGLER, A. (Ed.). *América negra: panorâmica actual de los estudios lingüísticos sobre variedades hispanas, portuguesas y criollas*. Frankfurt am Main; Madrid: Verveurt Verlag/ Iberoamericana, 1998. p. 97-134.

BAXTER, A. Semicreolization? The restructured Portuguese of the Tongas of São Tomé, a consequence of L1 acquisition in a special contact situation. *Journal of Portuguese Linguistics*, Lisboa, Ibiqurity Press, n. 1, v. 1, p. 7-39, 2002.

BAXTER, A. A concordância de número. In: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (Ed.). *O português afro-brasileiro*. Salvador: Edufba, 2009. p. 269-294.

BAXTER, A.; LOPES, N. O artigo definido. In: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (Ed.). *O português afro-brasileiro*. Salvador: Edufba, 2009. p. 319-330.

BRANDÃO, S. Figueiredo; VIEIRA, S. Rodrigues. A concordância nominal e verbal no Português do Brasil e no Português de São Tomé: uma abordagem sociolinguística. *Papia: Revista Brasileira de Estudos do Contato Linguístico*, USP, v. 22, n. 1, p. 7-39, 2012.

BYRD, S. *Calunga and the legacy of an African language in Brazil*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 2012.

CARENO, M. F. do. *Vale do Ribeira: a voz e a vez das comunidades negras*. São Paulo: Editora Arte e Ciência, 1997.

CHATELAIN, H. *Grammatica elementar do Kimbundu ou Língua de Angola (1889)*. Genebra: Typ. De Charles Schuchardt. Kessinger Publisher Legacy Reprints, n.d. [1888-1889].

COUTO, H. do. Anti-crioulo. *Papia: Revista Brasileira de Estudos do Contato Linguístico*, USP, v. 2, n. 1, p. 71-84, 1992.

FIGUEIREDO, C. A concordância variável no sintagma nominal plural do Português reestruturado de almojarife (São Tomé). *Papia: Revista Brasileira de Estudos do Contato Linguístico*, USP, v. 18, p. 23-43, 2008.

FRY, P.; VOGT, C.; GNERRE, M. A comunidade do Cafundó. Mafambura e Caxapura: na encruzilhada da identidade. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, Unicamp, v. 6, p. 111-128, 1984.

GONÇALVES, P. Tipologia de ‘erros’ do Português oral de Maputo: um primeiro diagnóstico. In: STROUD, C.; GONÇALVES, P. (Ed.). *Panorama do Português oral de Maputo Volume II: A construção de um banco de ‘erros’*. Maputo: INDE, 1997. p. 37-70.

GOYVAERTS, D. Kibalele’ Form and function of a secret language in Bukavu (Zaire). *Journal of Pragmatics*, Elsevier, v. 25, p. 123-143, 1996. Doi: [https://doi.org/10.1016/0378-2166\(94\)00067-6](https://doi.org/10.1016/0378-2166(94)00067-6)

GREEN, K. *Non-standard Dominican Spanish: Evidence of partial restructuring*. 1997. Dissertation (PhD) – CUNY, New York, 1997.

GUTIÉRREZ-REXACH, J.; SESSAREGO, S. On the nature of bare nouns in Afro-Bolivian Spanish. In: HERSCHENSOHN, J. (Ed.). *Romance Linguistics 2010: Selected papers from the 40th Linguistic Symposium on Romance Languages*, Seattle, Washington, March 2010. Amsterdam: John Benjamins, 2011. p. 191-204. Doi: <https://doi.org/10.1075/cilt.318.12gut>.

GUY, G. *Linguistic variation in Brazilian Portuguese: Aspects of phonology, syntax and language history*. 1981. 361 f. Dissertation (PhD) – University of Pennsylvania, Philadelphia, PA, 1981.

HOLM, J. Languages in contact. The partial restructuring of vernaculars. In: HOLM, J.; MICHAELIS, S. (Ed.). *Contact languages: Critical concepts in language studies*. London; New York: Routledge, 2009. v. 5, p. 332-344.

INVERNO, L. *The restructuring of Portuguese morphosyntax in interior Angola - evidence from Dundo (Lunda Norte)*. 2011. 475 f. Tese (Doutorado) – Universidade de Coimbra, Coimbra, 2011.

JON-AND, A. *Variação, contato e mudança linguística em Moçambique e Cabo Verde: a concordância variável de número em sintagmas nominais do português*. 2011. Dissertation (Doctoral) – Department of Spanish, Portuguese and Latin American Studies, Stockholm University, Stockholm, 2011.

LIMA, José Leonildo. *A variação na concordância do gênero gramatical no falar cuiabano*. 2007. 255 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

LIPSKI, J. *The Speech of the Negros Congos of Panama*. Amsterdam: John Benjamins, 1989. Doi: <https://doi.org/10.1075/cll.4>.

LIPSKI, J. The Spanish language of Equatorial Guinea. *Arizona Journal of Hispanic Cultural Studies*, University of Arizona, v. 8, p. 115-130, 2004.

LIPSKI, J. *A history of Afro-Hispanic language: Five centuries, five continents*. New York: Cambridge University Press, 2005. Doi: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511627811>.

LIPSKI, J. *Afro-Bolivian Spanish*. Madrid; Frankfurt: Iberoamericana; Vervuert, 2008.

LIPSKI, J. Depleted plural marking in two Afro-Hispanic dialects: Separating inheritance from innovation. *Language Variation and Change*, Cambridge University Press, v. 22, p. 1-44, 2010.

LIPSKI, John. La reconstrucción de los primeros contactos lingüísticos afrohispanicos: la importancia de las comunidades de habla contemporáneas. In: AVELAR, J. Ornelas de; ÁLVAREZ LÓPEZ, L. (Ed.). *Dinâmicas afro-latinas: Língua(s) e história(s)*. Frankfurt am Main: Peter Lang, 2015. p. 93-127.

LOPES, N. *Concordância nominal, contexto linguístico e sociedade*. 2001. 408f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001.

LOPES, R.; PAGOZZO, E. DPs in non-Standard Brazilian Portuguese. Paper presented at the workshop CONTACT, VARIATION AND CHANGE: corpora development and analysis of Ibero-Romance language varieties, Stockholm University, 7-8 April 2014.

LUCCHESI, D. A concordância de gênero. In: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (Ed.). *O português afro-brasileiro*. Salvador: Edufba, 2009a. p. 295-318. Doi: <https://doi.org/10.7476/9788523208752>

LUCCHESI, Dante. Conclusão. In: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (Ed.). *O português afro-brasileiro*. Salvador: Edufba, 2009b. p. 513-546. Doi: <https://doi.org/10.7476/9788523208752>

LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (Ed.). *O português afro-brasileiro*. Salvador: Edufba, 2009a.

LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; SILVA, J. A. Soares da. A concordância verbal. In: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (Ed.). *O português afro-brasileiro*. Salvador: Edufba, 2009b. p. 331-388. Doi: <https://doi.org/10.7476/9788523208752>.

LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; SILVA, J. A. Soares da; FIGUEIREDO, C. O Português afro-brasileiro: as comunidades analisadas. In: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (Ed.). *O português afro-brasileiro*. Salvador: Edufba, 2009c. p. 75-100. Doi: <https://doi.org/10.7476/9788523208752>.

MATRAS, Y.; GARDNER, H.; JONES, C.; SCHULMAN, V. Angloromani: A different kind of language? *Anthropological Linguistics*, Indiana University Bloomington, v. 49, n. 2, p. 142-184, 2007.

ORTIZ LÓPEZ, L. A. *Huellas etno-sociolingüísticas bozales y afrocubanas*. Madrid; Frankfurt am Main: Iberoamericana; Vervuert, 1998.

PETTER, M. Línguas especiais, línguas secretas: na África e no Brasil. *Revista da ANPOLL*, Anpoll, v. 4, p. 185-201, 1998.

PETTER, M. A linguagem do Cafundó: crioulo ou anticrioulo? In: ZIMMERMANN, K. (Ed.). *Lenguas criollas de base lexical española y portuguesa*. Frankfurt: Vervuert, 1999. p. 101-115.

PETTER, M. A Tabatinga revisitada: a manutenção de um léxico de origem africana em Minas Gerais (MG-Brasil). *Moderna Språk*, University of Gothenburg, v. 107, p. 89-100, 2013.

PETTER, M. Taddoni; ZANONI, D. Quilombos do Vale do Ribeira: variação e mudança na concordância de gênero e número. *Papia: Revista Brasileira de Estudos do Contato Linguístico*, USP, v. 15, p. 61-71, 2005.

QUEIROZ, S. *Pé preto no barro branco: a língua dos negros da Tabatinga*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

SCHERRE, M. Pereira. *Reanálise da concordância nominal em português*. 1988. 561 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1988.

SESSAREGO, S. *Chota Valley Spanish*. Madrid; Frankfurt am Main: Iberoamericana; Vervuert, 2013.

SHARMA, D.; RICKFORD, J. R. AAVE/creole copula absence: A critique of the imperfect learning hypothesis. *Journal of Pidgin and Creole Languages*, John Benjamins, v. 24, n. 1, p. 53-90, 2009. Doi: <https://doi.org/10.1075/jpcl.24.1.03sha>.

SLENES, R. Cafundó, a África no Brasil – duzentos anos antes. In: COLÓQUIO REVISITANDO O CAFUNDÓ: LÍNGUA(S), HISTÓRIA(S) E CULTURA(S), 2016, Campinas. Campinas: IEL, Unicamp, 2016. Comunicação apresentada.

- SMITH, N. An annotated list of creoles, pidgins and mixed languages. In: ARENDS, J.; MUYSKEN, P.; SMITH, N. (Ed.). *Pidgins and creoles*. An introduction. Amsterdam: John Benjamins, 1994. p. 331-374. Doi: <https://doi.org/10.1075/cll.15.34smi>.
- SMITH, N. Symbiotic mixed languages: a question of terminology. *Bilingualism, Language and Cognition*, Cambridge University Press, v. 3, n. 2, p. 122-123, 2000.
- TAVARES, J. L. *Gramática da língua do Congo (kikongo) (Dialecto kisolongo)*. Luanda: Imprensa Nacional de Angola, 1915.
- THOMASON, S.; KAUFMAN, T. *Language contact, creolization, and genetic linguistics*. Berkeley; Los Angeles: University of California Press, 1988.
- VOGT, C.; FRY, P. Ditos e feitos da ‘falange africana’ do Cafundó e da ‘Calunga’ de Patrocínio (ou de como fazer falando). *Revista de Antropologia*, USP, v. 26, p. 65-92, 1983.
- VOGT, C.; FRY, P. [em colaboração com SLENES, R.]. *Cafundó – a África no Brasil*. Linguagem e sociedade. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.
- VOGT, C.; FRY, P. As formas de expressão na ‘língua’ africana do Cafundó. *Ciência e Cultura*, SBPC, v. 57, n. 2, p. 39-42, 2005.
- WINFORD, D. Contact-induced changes. Classifications and processes. *Diachronica: International Journal for Historical Linguistics*, John Benjamins, v. 22, n. 2, p. 373-427, 2005.
- WINFORD, D. Group second language acquisition or language shift. In: HOLM, J.; MICHAELIS, S. (Ed.). *Contact languages: Critical concepts in language studies*. London; New York: Routledge, 2009. v. 5, p. 310-331.
- WINFORD, D. Contact and borrowing. In: HICKEY, R. (Ed.). *Handbook of language contact*. Somerset, NJ: Wiley-Blackwell, 2010. p. 170-187. Doi: <https://doi.org/10.1002/9781444318159.ch8>.